

Luz, câmera, (trans)formação: o teatro como espaço de reflexão sobre opressão e resistência LGBTQIAPN+

Lights, camera, (trans)formation: theatre as a space for reflection on LGBTQIAPN+ oppression and resistance

Luces, cámara, (trans)formación: el teatro como espacio de reflexión sobre la opresión y la resistencia LGBTQIAPN+

RESUMO

Introdução: A violência contra a população LGBTQIAPN+, especialmente pessoas trans, reflete um cenário alarmante de opressão física, psicológica e social. O Brasil lidera os índices de homicídios dessa população, destacando a urgência de estratégias que promovam reflexão e transformação social. O teatro, por meio do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e das técnicas lúdicas de Viola Spolin, apresenta-se como uma ferramenta poderosa para dar voz às vivências dessa comunidade. **Objetivo:** Compreender as experiências de opressão e resistência de pessoas LGBTQIAPN+ mediante práticas teatrais. **Métodos:** Estudo qualitativo descritivo-exploratório, realizado em um Centro de Convivência em Belo Horizonte-MG, utilizando técnica de bola de neve para seleção dos participantes. Foram conduzidos cinco encontros teatrais, aplicando jogos de Viola Spolin e técnicas do Teatro do Oprimido. A coleta de dados foi feita por intermédio de gravações de áudio e diários de campo, com análise de conteúdo. **Resultados e Discussão:** Quatro categorias emergiram: 1. Necessidade de escapismo e desejo de mudança. 2. Impactos na saúde mental e estratégias de enfrentamento. 3. Violência e exclusão social. 4. Busca por reconhecimento e pertencimento. O teatro promoveu alívio emocional, reflexão crítica e fortalecimento da autoestima, permitindo a ressignificação das experiências de opressão e a construção de estratégias coletivas de resistência. **Considerações finais:** O teatro se consolidou como uma ferramenta transformadora, oferecendo um espaço seguro para expressão e conscientização, destacando-se como meio eficaz na luta por inclusão e justiça social para a população LGBTQIAPN+.

Descriptores: LGBTQIAPN+; Teatro do Oprimido; Viola Spolin; Opressão; Resistência; Transformação social.

ABSTRACT

Introduction: Violence against the LGBTQIAPN+ population, especially transgender people, reflects an alarming scenario of physical, psychological, and social oppression. Brazil leads the homicide rates for this population, highlighting the urgency of strategies that promote reflection and social transformation. Theater, through Augusto Boal's Theater of the Oppressed and Viola Spolin's playful techniques, presents itself as a powerful tool to give voice to the experiences of this community. **Objective:** To understand the experiences of oppression and resistance of LGBTQIAPN+ people through theatrical practices. **Methods:** A descriptive-exploratory qualitative study was conducted at Community Center in Belo Horizonte-MG, using a snowball sampling technique for participant selection. Five theatrical encounters were conducted, applying Viola Spolin's games and techniques from the Theater of the Oppressed. Data collection was carried out through audio recordings and field diaries, with content analysis. **Results and Discussion:** Four categories emerged: 1. Need for escapism and desire for change. 2. Impacts on mental health and coping strategies. 3. Violence and social exclusion. 4. The search for recognition and belonging. Theater promoted emotional relief, critical reflection, and strengthened self-esteem, allowing for the reinterpretation of experiences of oppression and the construction of collective resistance strategies. **Final considerations:** Theater has established itself as a transformative tool, offering a safe space for expression and awareness, standing out as an effective means in the fight for inclusion and social justice for the LGBTQIAPN+ population.

Descriptors: LGBTQIAPN+; Theatre of the Oppressed; Viola Spolin; Oppression; Resistance; Social transformation.

RESUMEN

Introducción: La violencia contra la población LGBTQIAPN+, especialmente las personas trans, refleja un escenario alarmante de opresión física, psicológica y social. Brasil lidera las tasas de homicidios contra esta población, lo que resalta la urgencia de estrategias que promuevan la reflexión y la transformación social. El teatro, a través del Teatro del Oprimido, de Augusto Boal, y las técnicas lúdicas de Viola Spolin, se presenta como una herramienta poderosa para dar voz a las experiencias de esta comunidad. **Objetivo:** Comprender las experiencias de opresión y resistencia de las personas LGBTQIAPN+ a través de prácticas teatrales. **Métodos:** Se trata de un estudio cualitativo de tipo descriptivo-exploratorio, realizado en un Centro de Convivencia en Belo Horizonte, Brasil, utilizando la técnica de muestreo en bola de nieve para la selección de participantes. Se llevaron a cabo cinco encuentros teatrales, aplicando juegos de Viola Spolin y técnicas del Teatro del Oprimido. La recopilación de datos se realizó mediante grabaciones de audio y diarios de campo, con análisis de contenido. **Resultados y Discusión:** Emergieron cuatro categorías: 1. Necesidad de evasión y deseo de cambio. 2. Impactos en la salud mental y estrategias de afrontamiento; 3. Violencia y exclusión social. 4. Búsqueda de reconocimiento y pertenencia. El teatro promovió alivio emocional, reflexión crítica y fortalecimiento de la autoestima, permitiendo ressignificar experiencias de opresión y construir estrategias colectivas de resistencia. **Consideraciones finales:** El teatro se consolidó como una herramienta transformadora, ofreciendo un espacio seguro para la expresión y la toma de conciencia, destacándose como un medio eficaz en la lucha por la inclusión y la justicia social de la población LGBTQIAPN+.

Descriptores: LGBTQIAPN+; Teatro del Oprimido; Viola Spolin; Opresión; Resistencia; Transformación social.

Samuel Barroso Rodrigues¹

ID 0000-0002-9832-5510

Athenas Rodrigues Dias¹

ID 0000-0006-6947-8709

Alex Marques Ribeiro¹

ID 0000-0003-4294-4790

Fillipe Benites Silva Goncalves¹

ID 0000-0002-9305-9209

Ana Stella Ventura da Costa¹

ID 0009-0000-7474-4748

Leila de Fátima Santos¹

ID 0000-0002-5991-2624

¹Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Autor correspondente:

Samuel Barroso Rodrigues
samuelbarroso88@gmail.com

INTRODUÇÃO

Grupos historicamente marginalizados, como mulheres, povos indígenas, pessoas negras, imigrantes e a população de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, queer, intersexuais, assexuais, arromântiques, agêneros, pansexuais, não binários e outras identidades (LGBTQIAPN+), enfrentam diferentes formas de opressão que se manifestam de maneira sistêmica e estrutural. A opressão, nesse contexto, é entendida como a imposição de um poder concentrado que gera exclusão, desigualdade social e subordinação, mantendo esses grupos em posições de vulnerabilidade^(1,2). Essa repressão pode se manifestar de diversas formas, desde por meio da exclusão social e da discriminação até mediante práticas mais visíveis de violência física, econômica e psicológica.

A violência, por sua vez, é uma das expressões mais cruéis e imediatas dessa opressão, funcionando tanto como instrumento de controle quanto de intimidação. Para esses grupos marginalizados, a violência não é apenas física, mas também psicológica, emocional e institucional, visando deslegitimar suas identidades e existências. No caso da população LGBTQIAPN+, essa violência é particularmente devastadora, refletindo uma combinação de agressões diretas e indiretas que comprometem a dignidade e a segurança desses indivíduos. Estudos indicam que a discriminação contra pessoas transgênero, por exemplo, não é apenas representada em forma de violência física, mas também emocional e institucional, ampliando o impacto da opressão^(3,4).

Em 2023, pelo menos 321 pessoas transgênero e de gênero expansivo foram vítimas de violência fatal no mundo,

incluindo o uso de armas de fogo e violência interpessoal. É importante citar que a maioria das vítimas (84%) era pessoas pretas, 50% sendo mulheres trans negras, o que mostra como um tipo de preconceito diretamente corrobora o outro. Estima-se, então, que cerca de 78% dos assassinatos ocorreram com armas e 36% das vítimas, cujos assassinos eram conhecidos, foram mortas por parceiros românticos, amigos ou familiares. Além disso, metade das vítimas foi identificada incorretamente ou com nomes falsos pelas autoridades. Observa-se que, em todos esses casos, a violência não se limita à agressão física, mas inclui as violências psicológica e institucional, estendendo-se em relação ao nível mais profundo de impacto gerado à saúde mental e ao bem-estar dessas pessoas⁽³⁾.

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU, 2024)⁽⁵⁾ mostram que ataques homofóbicos e transfóbicos buscam punir quem desafia normas de gênero e sexualidade, violando direitos humanos fundamentais a partir de justificativas baseadas em valores pessoais – estando essa noção de valor completamente distorcida. Em concomitância a isso, infelizmente, no Brasil não é diferente, já que, em 2023, um membro da comunidade LGBTQIAPN+ foi assassinado a cada 38 horas, sendo as principais causas homicídios por terceiros (80%), suicídios (7,83%) e outras mortes (12,17%), envolvendo métodos violentos, como esfaqueamento e asfixia⁽⁶⁾.

Apesar de esse número já ser expressivo, há indícios para presumir que esses dados ainda são subnotificados no Brasil, uma vez que a notificação depende do reconhecimento da identidade de gênero e da orientação sexual das vítimas por parte dos veículos de comunicação que reportam as mortes e que muitas perso-

as omitem tais informações por medo de serem julgadas ou sofrerem todos esses ataques. O Brasil, assim, continua a ser o país com o maior número de homicídios de pessoas trans no mundo, sendo esse um indicador alarmante de opressão contra essa população^(7,8).

Em outra perspectiva, a literatura atual, embora crescente, ainda apresenta lacunas significativas, quando se trata de intervenções efetivas que combatam a opressão contra pessoas LGBTQIAPN+ e fortaleçam a resistência dessa comunidade, de modo que há insuficiente ou quase nula representatividade desses grupos minoritários⁽⁹⁾. Especialmente no contexto das artes, pouco se tem explorado sobre como práticas culturais e artísticas podem contribuir para a transformação social e a sensibilização pública acerca da violência LGBTQIAPN+, logo, diante dessa realidade, o teatro emerge como um meio potente para denunciar a violência e promover a reflexão crítica sobre as normas de gênero e sexualidade, dando visibilidade ao assunto⁽³⁻¹⁰⁾.

Portanto, o Teatro do Oprimido (TDO), criado por Augusto Boal, é uma das abordagens mais inovadoras e eficazes nesse campo, oferecendo uma plataforma interativa em que a plateia se torna parte ativa na construção de soluções para as situações de opressão retratadas no palco. A partir de suas técnicas, que incluem a manifestação da subjetividade, o TDO permite que os participantes explorem formas de resistência e transformação social, fomentando a empatia e a compreensão das realidades vividas pelas vítimas de violência, como as pessoas LGBTQIAPN+, o que é fundamental para que outras pessoas tenham força para resistir como pertencentes ao grupo LGBTQIAPN+^(11,12).

Ao incorporar o TDO no enfrentamento da opressão contra a população LGBTQIAPN+, este estudo busca explorar o potencial dessa abordagem para engajar comunidades em discussões sobre discriminação e preconceito. Adicionalmente, os jogos teatrais propostos por Viola Spolin, que incluem técnicas lúdicas e práticas de improvisação que incentivam a espontaneidade e o autoconhecimento, podem atuar como uma ferramenta complementar, oferecendo Spolin, ao focar na ação e no jogo como meios de expressão e entendimento, um espaço para que os participantes desenvolvam habilidades de empatia e crítica, preparando-os para lidar com situações de opressão no cotidiano, respeitando, assim, a diversidade com a qual irão lidar ao longo da vida⁽¹¹⁻¹³⁾. Tais jogos teatrais funcionam como um meio de desenvolver a sensibilidade dos participantes em relação às experiências das pessoas trans e demais integrantes da comunidade retratada, criando um ambiente seguro de aprendizado e reflexões coletivas para reduzir a incidência de violências^(14,15).

Ao combinar o poder transformador do TDO com as técnicas de jogo teatral, o objetivo do presente estudo foi compreender as experiências de opressão e resistência de pessoas LGBTQIAPN+ por meio de práticas teatrais. Ao integrá-las no processo de conscientização e mudança social, busca-se não só visibilizar as experiências dessa população, mas também estimular a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa desde a sua base. Portanto, esta pesquisa também se propõe a responder à seguinte indagação: Como o teatro pode compreender as experiências de opressão e resistência de pessoas LGBTQIAPN+?

MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo-exploratório, sendo que a população referida nesta pesquisa foi composta por pessoas atendidas em um Centro de Convivência localizado no município de Belo Horizonte (MG). Originado da articulação entre o Movimento Autônomo Trans (MovaT), o Empregabilidade Trans (Equi) e o Transvest, a instituição onde foi realizada o estudo é uma Organização não Governamental (ONG) sem fins lucrativos voltada à população LGBTQIAPN+, cujo objetivo é promover a dignidade, a integridade e a humanidade por meio de atividades de geração de trabalho, de formação, de cultura e de cuidado coletivo. A coleta de dados ocorreu entre agosto e outubro de 2024, tendo cada encontro teatral duração média de 2 horas. O estudo teve como referencial teórico o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e como referencial metodológico os jogos teatrais de Viola Spolin.⁽¹¹⁻¹³⁾

Em vista disso, a amostra em questão foi formada utilizando a técnica de bola de neve, uma estratégia amplamente empregada para atingir grupos de difícil alcance. Essa metodologia se baseia na identificação inicial de “sementes”, que podem ser documentos ou informantes-chave com características relevantes para o estudo. Com o propósito de ampliar a representatividade da amostra, a inclusão dos participantes procurou abranger uma diversidade de faixas etárias, classes sociais e identidades LGBTQIAPN+, garantindo uma análise mais diversa das experiências de opressão e resistência e dando voz a todas as experiências possíveis. Essas informações foram reconhecidas por meio de um questionário prévio, que identificou a faixa de renda, a identidade

de gênero e o histórico de acesso a atividades culturais.

Esses informantes iniciais, por sua vez, indicaram novos participantes de suas redes de contato, permitindo a expansão gradual da amostra para que a pesquisa se tornasse ainda mais robusta e encorpada. Assim, o processo continuou até que se atingiu a saturação dos dados, momento em que as elucidações coletadas passaram a apresentar repetição e deixaram de agregar novas perspectivas relevantes ao estudo⁽¹⁶⁾.

Os participantes foram convidados a integrar as atividades por meio do canal oficial de comunicação do referido Centro de Convivência, disponibilizado nas redes sociais. Inicialmente, os pesquisadores participaram de um estudo-piloto, que lhes permitiu vivenciar o cotidiano do espaço, interagir com os demais possíveis participantes e compartilhar experiências, fortalecendo o vínculo com a comunidade para facilitar o andamento da pesquisa. Durante três meses, os pesquisadores frequentaram regularmente o local, comparecendo ao menos uma vez por semana. Após esse período de convivência e aproximação, foi realizado o convite formal aos potenciais participantes para integrarem o estudo, trazendo consigo sua bagagem de vida, que seria de grande valia para o alcance dos resultados pretendidos.

Foram incluídos no estudo indivíduos que participaram voluntariamente de, pelo menos, um encontro e que se auto-declararam como parte da comunidade LGBTQIAPN+, incluindo também sujeitos que, embora se identificassem como heterossexuais, tivessem declarado viver ao menos uma experiência homofeita no passado. Embora a participação

tenha sido aberta a todos, inclusive àqueles que decidiram participar de apenas um encontro, levando em consideração a dinâmica de rotatividade característica do serviço, foi excluído do estudo o grupo que se identificou estritamente como heterossexual, sem qualquer vivência homofética anterior, por entender que estes não trariam de forma tão específica as nuances de opressão e resistência que este estudo buscou compreender.

Devido à rotatividade e à participação não contínua dos indivíduos em todos os encontros, foi estabelecido um protocolo rigoroso de coleta de dados. Então, as atividades foram registradas em gravações de áudio e diários de campo detalhados, assegurando a consistência dos fatos captados em diferentes encontros. Somado a isso, salienta-se que os pesquisadores buscaram padrões e temas recorrentes nas transcrições para identificar elementos significativos, mesmo em contextos de parcelas distintas.

Para a efetivação do descrito, os dados foram coletados utilizando um questionário sociodemográfico, abordando idade, escolaridade, arranjos domiciliares e dispositivos de apoio social. As atividades em questão, por sua vez, seguiram as etapas detalhadas no cronograma adaptado ao Fichário de Jogos Teatrais de Vila Spolin, promovendo vivências lúdicas e espontâneas⁽¹⁷⁾.

Acrescido a isso, o cronograma dos encontros realizados foi estruturado em formato de cinco momentos, para promover uma jornada de aprendizado e expressão criativa, com enfoque em dinâmicas teatrais e temas de convivência. Tais encontros foram estruturados, portanto, para desenvolver integração grupal, criatividade e reflexão crítica por meio do Tea-

tro do Oprimido, de modo a alcançar o objetivo de coleta de dados. A definição da temática de cada encontro foi construída de forma colaborativa entre pesquisadores e participantes, considerando tanto as demandas emergentes nas conversas informais no Centro de Convivência quanto as questões trazidas pela literatura sobre violência e resistência LGBTQIAPN+.

O processo metodológico dos encontros, por sua vez, foi formado para gerar reflexão, autoconhecimento e expressão criativa. O primeiro encontro introduziu dinâmicas como “Nome e Gesto” e “Espelho”, criando um ambiente acolhedor e estimulando a introspecção. No segundo, jogos teatrais como “Trocá de Lugares” e a criação de cenas sociais permitiram aos participantes refletir sobre comunicação e resolução de conflitos, destacando o impacto de dinâmicas de poder e pressões sociais. O terceiro encontro focou a criação de personagens e narrativas, incentivando a troca de experiências de vida, especialmente em relação à violência e à discriminação. O quarto encontro levou os participantes a construir uma linha do tempo pessoal, refletindo sobre momentos significativos de opressão e apoio social, transformando essas vivências em cenas teatrais. O quinto, por fim, se concentrou em reflexões individuais e feedback coletivo, possibilitando que os participantes compartilhassem e processassem suas vivências de violência e resistência, promovendo maior empatia e compreensão mútua, de modo que todos ativassem o sentimento de pertencimento a uma comunidade e compreendessem que não estavam – nem estão – lutando sozinhos.

Sob essa óptica, a metodologia foi pensada para proporcionar uma expe-

riência de transformação pessoal e coletiva, fortalecendo a capacidade de expressar e lidar com questões de violência, opressão e apoio social, assim como com sentimentos difíceis de lidar ligados ao assunto. No fim de cada encontro, os participantes foram convidados a responder a breves questionamentos com perguntas reflexivas, tais quais: Como você se sentiu durante a atividade de hoje? O que mais chamou atenção ou mexeu com você? Quais mudanças ou sentimentos você gostaria de levar dessa experiência para seu cotidiano? Ainda, a evolução dos participantes ao longo das sessões foi analisada comparativamente, para identificar, a partir dessa visão, eventuais mudanças nos relatos e nas expressões emocionais, com o intuito de capturar percepções emocionais acerca das atividades realizadas.

Em todos os encontros, as atividades seguiram tanto a abordagem de Spolin quanto os princípios do TDO⁽¹⁸⁻¹¹⁾. Enquanto a técnica de Spolin foi aplicada mediante dinâmicas de improvisação e interação, promovendo um espaço seguro e criativo para que os participantes expressassem suas experiências e refletissem sobre elas, sentindo-se representados, o TDO serviu como referencial teórico para as discussões mais aprofundadas.

A esse respeito, Spolin, com sua ênfase na espontaneidade e na expressão individual, proporcionou um ambiente lúdico e acessível, estimulando a exploração de emoções e experiências. Já o TDO, fundamentado nos conceitos de Augusto Boal, orientou as reflexões sobre opressão, resistência e empoderamento, oferecendo uma base para compreender as dinâmicas sociais e as formas de transformação pessoal e coletiva. Juntas, es-

sas abordagens permitiram uma análise profunda das questões de violência e apoio social vivenciadas pelos participantes, estimulando tanto o desenvolvimento pessoal quanto a compreensão crítica das realidades sociais presentes em seus cotidianos⁽¹¹⁾.

As falas dos participantes foram registradas por meio de gravação em áudio e transcritas para análise de conteúdo, conforme Yin (2018)⁽¹⁹⁾, e os pesquisadores registraram as atividades em diários de campo. Para gerar mais confiança dos participantes nos pesquisadores, nos casos de desconforto emocional ou de relatos de violência, os primeiros foram orientados que seriam acolhidos e encaminhados para apoio profissional, mas não foi necessário. Assim, cada integrante foi identificado com a letra P, seguida de um número aleatório; já os encontros foram designados pela letra E, seguida do respectivo dia do encontro (de 1 a 5).

O estudo, tendo em vista o que foi apresentado nesta seção, estimulou o fortalecimento da autoestima, a humanização das narrativas e a mobilização social por justiça e igualdade, além de contribuir para a pesquisa acadêmica. Nesse sentido, o projeto foi, então, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), cujo CAAE é 79664324.8.0000.5134.

RESULTADOS

Perfil sociodemográfico dos participantes

Para a participação do estudo, foram inicialmente convidados 20 integrantes, mas, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 12 aceitaram participar, sendo estes, portanto, os participantes desta pesquisa. A presença nos encontros variou de acordo com a disponibi-

lidade de cada indivíduo, sendo registrada da seguinte forma: no primeiro encontro, participaram dez pessoas; no segundo, oito; no terceiro, seis; no quarto, nove; e no quinto, 12.

Dos 12 participantes, oito estiveram presentes em todos os encontros, enquanto os demais compareceram a pelo menos um deles. Nessa perspectiva, para garantir a qualidade da análise dos dados e evitar prejuízos decorrentes da rotatividade, foram adotadas estratégias metodológicas que consideraram tanto os relatos individuais quanto a triangulação das informações ao longo dos diferentes encontros. Dessa forma, foi possível captar a diversidade de experiências e perspectivas, mantendo a coerência e a profundidade da análise.

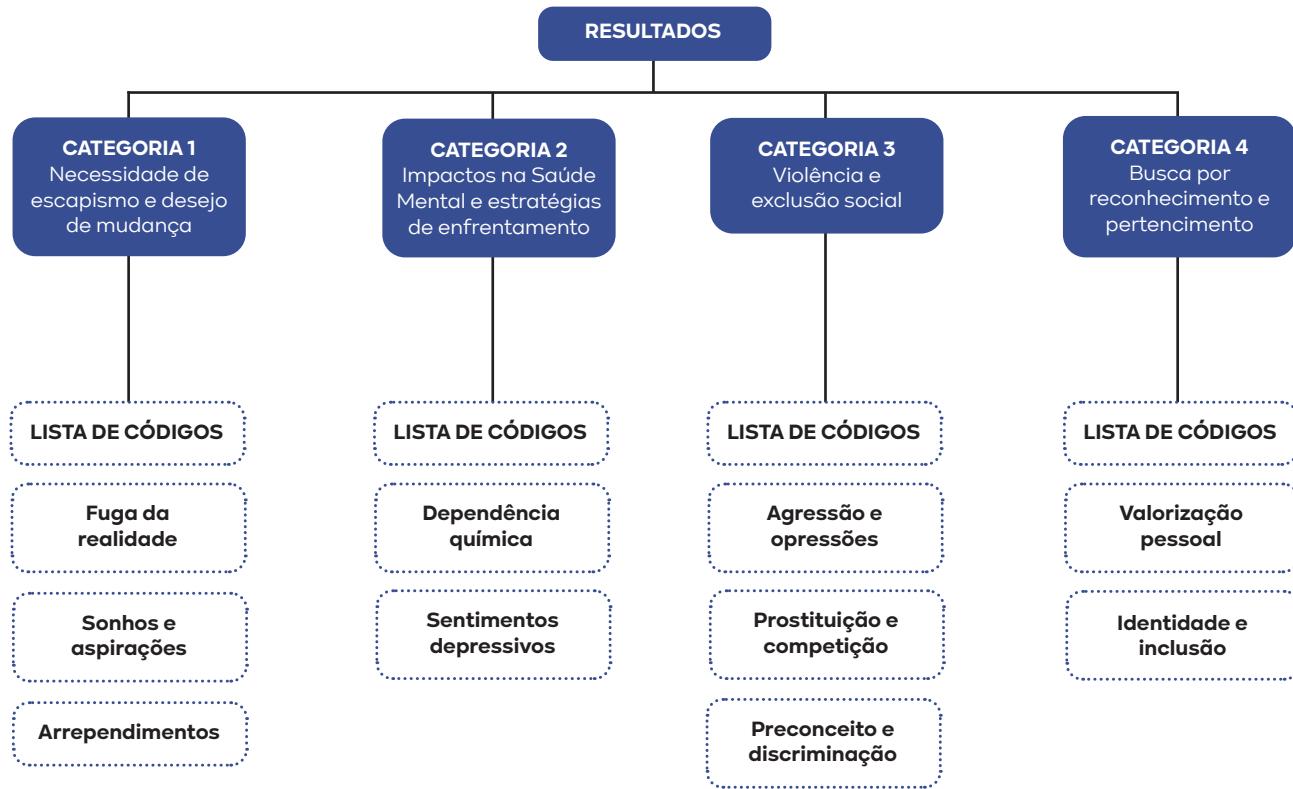
A média de idade dos participantes foi de 29 anos; quanto à identidade de gênero, seis participantes se identificaram como transgêneros; três, como não-binários; e três, como cisgêneros. Em relação à orientação sexual, oito participantes se declararam homossexuais; dois, bissexuais; e dois, pansexuais. No que diz respeito à raça/cor, nove participantes se identificaram como pretos ou pardos e três, como brancos. Finalmente, observou-se que nove dos 12 participantes estavam em situação de rua, residindo provisoriamente em abrigos, dado que reforça a importância da pesquisa na compreensão das vulnerabilidades sociais enfrentadas por essa população e no reconhecimento de suas vivências, no contexto estudado, para que eles tenham grupos de defesa

em prol de seus direitos de cidadãos.

Narrativas e categorias encontradas

Durante as atividades teatrais, os participantes foram convidados a expressar suas percepções no fim de cada encontro. De maneira geral, os relatos realizados nesses momentos demonstraram como os jogos e as dinâmicas teatrais proporcionam alívio emocional e uma conexão do indivíduo com as próprias experiências e consigo mesmo, gerando maior sentimento de identidade e pertencimento. Ademais, os relatos e as atitudes não verbais, como desinibição e maior verbalização ao longo dos encontros, sugeriram que os participantes se sentiram mais seguros e envolvidos a cada sessão, com aumento da autoestima e da confiança coletiva, já que estavam, gradativamente, se tornando uma equipe.

As respostas obtidas evidenciaram impactos emocionais e reflexivos imediatos, divididos em quatro categorias principais, a saber: Categoria 1: Necessidade de escapismo e desejo de mudança; Categoria 2: Estratégias de enfrentamento e desafios de saúde; Categoria 3: Violência e exclusão social; e Categoria 4: Busca por reconhecimento e pertencimento. Cada uma dessas categorias refletiu diferentes aspectos das vivências dos participantes, destacando como as experiências de vulnerabilidade e opressão, as quais estão descritas a seguir, são enfrentadas e transformadas pelo teatro e pela arte como um todo.

Figura 1 - Fluxograma das categorias encontradas nos resultados

Fonte: Elaborada pelos autores

Categoria 1: Necessidade de escapismo e desejo de mudança

A Categoria 1 dos impactos emocionais, observados a partir das respostas dos participantes deste estudo, abrangeu os relatos que destacam a busca por alívio emocional e por mudanças significativas na vida dos indivíduos da comunidade em questão, refletindo uma constante tentativa de escape da realidade opressiva, já que se trata de um grupo que sofre muita violência e opressão de forma geral. Assim sendo, por intermédio do teatro, essas expressões de desejos e transformações puderam se revelar tanto uma forma de resistência quanto de ressignificação da própria existência, dando solidez ao sentimento de unidade consigo mesmos.

A necessidade de escapar da realidade imediata é um tema recorrente nas falas dos participantes, de modo que, em

alguns casos, a procura por refúgios imaginários ou ideais é vista como uma tentativa de encontrar paz e tranquilidade em meio ao caos e à violência social. Durante o Encontro 1, cujo foco foi a construção de um ambiente acolhedor, com dinâmicas como "Nome e Gesto" e "Espelho", os membros puderam se conectar com suas emoções de forma lúdica, proporcionando uma saída simbólica para o sofrimento vivido no dia a dia. Por meio dessas dinâmicas, as vozes emergiram com mais clareza sobre como, muitas vezes, o corpo e a mente buscam alternativas de alívio diante da opressão, utilizando-se do escape simbólico ou real, funcionando o teatro como uma oportunidade de reconfiguração dessas formas de fuga, como se pode observar nos seguintes depoimentos:

Ah, eu não sei. Eu tava no céu, assim, e ficou de novo. Aí que a nuvem ia, a nu-

vem vinha. Eu fiquei na nuvem mesmo, na zona principal. Estou dormindo, flutuando. E parecia que eu nem tava aqui, parecia que eu tava na nuvem mesmo, sabe? Eu tava só nas nuvens (P1; E1).

Eu não consegui viajar e, para dormir, uso medicação controlada, mas se o ambiente não for tranquilo, não consigo descansar. Aqui, com vocês, senti paz, mas ainda luto contra um mundo onde a calma e o respeito são raros [...] a gente vive em um ambiente competitivo, onde quem tem mais é valorizado e quem não tem é marginalizado. Me acostumei a viver na prostituição, mas nunca quis competir com os outros. A sociedade nos vê de forma superficial, apenas por meio do status e da aparência. Quero melhorar minha vida e sair desse mundo louco (P3, E1).

Eu moro em um prédio onde a maioria das moradoras é trans e a vida delas é muito conturbada. Muitas vezes, elas não dão paz aos outros, com brigas e discussões à noite. Só consigo relaxar, como fiz hoje, quando vejo que todos estão calmos e dormindo, porque o barulho e as brigas, que começam até tarde, me impedem de descansar (P2, E1).

Além da fuga imediata, muitos participantes compartilham sonhos de superação, aspirando a um futuro melhor. Tem-se, então, que o desejo de mudança não se limita a uma idealização, mas reflete uma busca ativa por renovação pessoal e reintegração à sociedade. No Encontro 3, os participantes foram convidados a desenvolver personagens e histórias que refletiam suas próprias vivências, exercício esse que contribuiu para a manifestação de aspirações de transformação, alinhando-se com o papel do teatro como ferramenta de ressignificação e renovação, já que a arte gera leveza e, portanto, relacio-

na-se à noção de sonho com futuro próspero. Tudo isso fica mais elucidado ainda nas passagens a seguir:

Quando eu retomar a minha vida, eu vou retomar pela educação. Voltei para a faculdade de psicologia (P5, E2).

[...] o que eu espero agora da minha vida, eu também acho que meu único compromisso com a vida é minha felicidade. Eu não consigo ceder às pressões sociais, que dizem que você tem que ser bem-sucedido, você tem que ter uma profissão, você tem que fazer alguma coisa pra sociedade (P8, E1).

Tal categoria, dessa maneira, reflete a busca dos participantes por alívio emocional e transformação diante de uma realidade opressiva. Os relatos nela presentes destacaram o uso do imaginário para encontrar paz e tranquilidade, haja vista que a criatividade humana tem íntima ligação com o conforto pessoal, enquanto a luta por mudanças concretas, como a retomada dos estudos e a busca pela felicidade, revela uma resistência às pressões sociais, tendo em vista que o grupo de participantes faz parte de uma minoria que frequentemente é repreendida pelos padrões do corpo social. É fulcral pontuar que, nessa realidade, o teatro surgiu como um espaço de ressignificação, permitindo o escape simbólico e a manifestação de desejo de uma vida melhor, de forma que as atividades teatrais proporcionaram, pois, conexão emocional e fortalecimento dos desejos de renovação pessoal e social.

Categoria 2: Impactos na saúde mental e estratégias de enfrentamento

A segunda categoria aborda, de acordo com as respostas dadas pelos componentes deste objeto de estudo, os impactos na saúde mental enfrentados

por eles e as estratégias que utilizam para lidar com esses obstáculos. Nas narrativas por eles detalhadas, não se pode negar que a conexão entre saúde, vivência de violência, exclusão social e marginalização é central.

Algumas questões de saúde mental, como ansiedade, depressão e insônia, aparecem nas falas de maneira recorrente, afetando diretamente a qualidade de vida e o bem-estar dos participantes. Durante o Encontro 4, quando os indivíduos desenharam suas linhas do tempo pessoal, ficou claro como esses impactos são profundos e persistem ao longo da vida deles. A partir disso, o processo de encenação das histórias, por meio da improvisação e da dramatização de momentos de sofrimento, permitiu que os participantes expressassem suas angústias de forma segura e refletissem sobre elas coletivamente, de modo que as histórias de cada um deles tocassesem uns aos outros, o que foi refletido nos depoimentos a seguir:

Eu tomo medicação controlada para dormir, mas se o ambiente não for tranquilo, não consigo encontrar paz (P7, E1).

Meu coração está, tipo assim, detornado. Eu penso na minha casa e me sinto desse jeito (P1, E1).

O uso de substâncias, tanto recreativas quanto medicamentosas, é frequentemente retratado como um meio de enfrentamento da dor emocional, além de ser associado ao arrependimento. Embora essa estratégia proporcione alívio temporário, as consequências negativas do uso de substâncias são evidentes nas histórias compartilhadas.

Durante o Encontro 3, os integrantes do estudo puderam refletir sobre o impacto do uso de substâncias na vida deles mediante improvisações, utilizando o tea-

tro como ferramenta para lidar com esses desafios e buscar superação. Pontua-se, logo, que a reflexão sobre escolhas passadas, especialmente em relação ao uso de substâncias, também é uma questão crucial, no que tange ao sofrimento passado por tais pessoas, pois o arrependimento, como uma experiência emocional significativa, revela o desejo de mudança e aprendizado a partir dos erros cometidos. Por isso, no Encontro 2, ao serem estimulados a explorar a improvisação e os jogos teatrais, muitos participantes revisitaram suas histórias de forma catártica, transformando sentimentos de arrependimento em momentos de resistência e autoconecimento, sentimentos esses que ficam bastante claros nas menções a seguir:

Eu precisei reagir contra o uso de drogas, senão seria dominada por elas. Desde jovem, fui atraída pelo craque, acreditando que todos eram meus amigos, mas me enganei. Quando cheguei em Belo Horizonte, decidi lutar contra essa vontade e parei de usar, pois sabia que, se continuasse, destruiria minha vida (P4, E1).

Quando eu vi, eu falei, meu Deus, eu ia fazendo programa, eu ia pra onde? Me submetendo a risco, sem ter noção, eu achava que aqui tava me divertindo, tava tudo na boa. Não, quando Deus vinha me mostrar, eu tava num quinto dos infernos. Muitas coisas terríveis aconteceram (P3, E1).

Me atrapalhou muito. A droga foi maldita na minha vida. Passei muito tempo viciada, sem controle (P5, E1).

A ansiedade chega e eu tenho que beber. Aí eu bebo e esqueço o problema (P9, E1).

Esta categoria aborda, portanto, os impactos da violência e da exclusão social na saúde mental dos participantes, incluin-

do ansiedade, depressão e dependência de substâncias. Por meio de atividades teatrais, como linhas do tempo e improvisações, eles puderam refletir sobre suas experiências, ressignificar a dor e buscar estratégias de superação. Para esse fim e cumprindo seu objetivo catártico, o teatro se mostrou um espaço transformador, promovendo autoconhecimento, resistência e enfrentamento dos desafios.

Categoria 3: Violência e exclusão social

A violência física e psicológica contra pessoas LGBTQIAPN+, por sua vez, é o tema central desta terceira categoria. Isso se dá porque as narrativas dos membros deste grupo descrevem episódios de agressão que resultam não apenas em danos corporais, mas também em profunda exclusão social, marginalização e perda de identidade, questões que se revelam como graves danos mentais.

No Encontro 5, então, os participantes foram convidados a refletir sobre suas vivências de violência e opressão em um espaço privado e seguro, permitindo uma maior abertura nas discussões sobre essas experiências, fazendo com que essas pessoas se permitissem serem vistas em seu mais delicado estado de vulnerabilidade. Assim, a prática das artes cênicas ajudou a amplificar essas vozes, dando visibilidade ao sofrimento, mas também à resistência diante da opressão vista nas vivências relatadas, como nos trechos exibidos em seguida:

Porque hoje em dia você põe um homem dentro de casa, ele quer te espancar, ele quer te bater, ele quer mandar, não sei. Se você acabou de tirar uma roupa que você vestia com o seu namorado, ele quer mandar você tirar até a roupa, não é mesmo? (P2, E2).

Aí você fica com medo de, tipo assim, largar. Tem uns que ameaçam você de morte. Aí você fica com aquele trauma dentro de você. Aí tem vizinho que vê aquilo, já liga pros homens, já... Aí daí a pouco a polícia tá chegando, aí você tem que ir lá na delegacia, aí você evita, aí tem que ficar longe do outro, aí vira aquela praga (P3, E2).

O marido da minha amiga chegou do serviço nervoso, foi lá no bar e "saqueou" ela, ficou corpo dentro da porta do bar, esperando a polícia chegar, que eles não estão tendo medo da justiça, eles não estão tendo medo da justiça não! Mas eles falam que eles estão tendo medo da justiça, não está tendo (P1, E4).

O meu coração tá começando a bater de novo, igual a tia, né? Que ele não chegava a me espancar, nem me bater, mas psicológico, ele mexia com meu psicológico. Aí é a pior agressão, pior que tem (P3, E2).

[...] Na infância, eu sofria muito bullying na escola. Quando eu comecei a entrar na puberdade, 10, 11 anos, eu comecei a sofrer de abusos dos homens, de vizinhos meus, sabe? Colocava uma mão aqui, uma coisa ali. Foi a primeira vez que eu passei na rua e um cara passou a mão em mim, me chamou de gostosa. E na época eu não entendia, eu era muito infantil que eu não entendia que isso era uma violência. Eu pensava, gente, todo mundo me chamava de feia na escola e tudo mais. De repente eu fiquei bonita. Teve um vizinho também, uma vez, um velho de 70 e poucos anos, eu com 11 anos de idade, veio ele tentar me beijar, porque eu fui ver a televisão na casa dele. Aí eu falei pra minha avó, ela meio que me culpou, falou: "Não, você não poderia estar na casa dele, você se colocou nessa situação" (P5, E4).

[...] A gente viu amigas da gente morrendo assim, sendo espancada e sem poder fazer nada. Era 15, 20 homens, três, quatro carros seguindo e quando ia ver já estava sendo agredido (P3, E1).

Primeiro casamento, fiquei casada há 35 anos, não tive amor, eu só apanhei na cabeça, chute, fiquei internada por vassourada no pulmão, no hospital, e o meu ex-marido foi lá e fez sexo à força, sem eu querer, entendeu? Aí, né, eu fiquei nesses 35 anos apanhando mesmo, minha humilhação, ele me vendeu para os homens, pode transar com ela, porque para mim é de graça, mas para vocês é um centavo (P2, E5).

Tal categoria evidencia as vivências de violência e exclusão social enfrentadas por pessoas LGBTQIAPN+, que resultam em danos físicos, psicológicos e na marginalização social desse grupo em todos os âmbitos. Apesar disso, os participantes demonstraram resistência e coragem ao compartilhar suas histórias durante as atividades teatrais do Encontro 5, o que proporcionou um espaço de acolhimento e reflexão, uma vez que o teatro se mostrou um meio poderoso para amplificar vozes, ressignificar trajetórias e fortalecer a luta por justiça e inclusão.

Categoria 4: Busca por reconhecimento e pertencimento

A busca por reconhecimento e pertencimento é uma necessidade fundamental para os participantes, questão abordada na Categoria 4, que abrange tanto o desejo de um indivíduo e/ou grupo minoritário ser reconhecido individualmente quanto o anseio por inclusão em grupos sociais e na sociedade em geral.

Tem-se, nesse sentido, que a valorização das experiências e das identidades

individuais é essencial para os participantes, o que faz com que o desejo de ser reconhecido em sua totalidade e autenticidade seja um tema central nas falas. No Encontro 2, as dinâmicas de improvisação criaram um espaço para os participantes se expressarem livremente, promovendo uma troca de experiências que favoreceu a valorização das identidades e reforçou o tão ansiado sentimento de pertencimento a uma comunidade, o que foi relatado de forma lúcida na fala a seguir:

Infelizmente, elas vivem em práticas de competição, mas nós somos iguais. Eu quero as minhas melhorias e estou procurando todos os meios de sair desse mundo louco (P1, E5).

Os participantes ressaltam a importância de serem aceitos tanto em suas comunidades quanto por si mesmos. A esse respeito, o Teatro do Oprimido, como referencial teórico, orientou as discussões sobre como as dinâmicas de poder e exclusão afetam a identidade, promovendo no teatro uma busca por aceitação e pertencimento. No Encontro 4, os participantes representaram suas linhas do tempo e as encenaram, refletindo como se percebem no contexto social e como gostariam de ser reconhecidos, de modo que o autoconhecimento foi uma etapa importante nesse processo, como visto nas falas transcritas a seguir:

Parece que nunca consigo atender às expectativas. Mas, hoje, eu sigo minhas verdades e finalmente me sinto pertencente (P4, E5).

[...] tem momentos em que elas nos discriminam, desfazem de nós por sermos “velhas”, “bicha velha”, e outras coisas. Mas, eu já fui bem novinha, já ganhei dinheiro e nunca humilhei outra pessoa por ser mais velha. Eu me lembro disso. Hoje,

sinto isso na minha pele, mas não me abala, sabe por quê? Porque elas pensam que estamos velhas e mortas. A gente é igual a uma estrela, só perde o brilho quando cai no mar, ou seja, quando morre (P6, E5).

As categorias identificadas neste estudo, tendo em vista tudo o que foi discutido e apresentado, revelam a complexidade das experiências vividas por pessoas LGBTQIAPN+ em contextos de vulnerabilidade social que frequentemente compõem a vida desses sujeitos. Por meio das narrativas teatrais e das dinâmicas do Teatro do Oprimido e de Viola Spolin, foi possível perceber como essas pessoas enfrentam a violência e a exclusão social, mas também buscam espaços de resistência, pertencimento e mudança para tentar mitigar essa injustiça. O teatro, como uma ferramenta de reflexão e transformação, emerge como um meio eficaz para visibilizar essas questões e fomentar diálogos que promovam a inclusão, a empatia e a conscientização social por meio da expressão artística e da consequente promoção de senso crítico.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo destacam as complexas experiências de violência e exclusão enfrentadas pela população LGBTQIAPN+, em especial as pessoas transgênero, e como essas vivências podem ser interpretadas e ressignificadas por meio das práticas teatrais. O Teatro do Oprimido (TDO), criado por Augusto Boal, mostrou-se particularmente útil, pois moveu a reflexão crítica e a construção coletiva de soluções para situações de opressão retratadas.

Sendo assim, os resultados desta pesquisa convergem com os achados internacionais sobre o teatro como meio de

resistência e transformação social. Nesse viés, Das & Raghavan (2024)⁽²⁰⁾ exploram o potencial do teatro como um espaço de ressignificação para comunidades LGBTQIAPN+, destacando sua capacidade de transformar experiências de opressão em ação coletiva. De forma semelhante, diversos estudos apontam que as práticas teatrais têm um impacto positivo na promoção da saúde mental entre populações vulneráveis, fortalecendo a resiliência e criando novas formas de enfrentamento^(21,22).

No que se refere à Categoria 1, Necessidade de escapismo e desejo de mudança, as narrativas dos participantes revelaram tanto uma busca por refúgios imaginários quanto aspirações concretas de superação. O escapismo é frequentemente usado como estratégia de enfrentamento por populações trans em contextos de marginalização, de modo que, segundo Kattari et al. (2017)⁽²³⁾, o isolamento social e a falta de acesso a recursos levam muitas pessoas trans a criarem espaços mentais de fuga como forma de lidar com os desafios diários. No teatro, então, essas idealizações podem ser transformadas em ações concretas, permitindo que os participantes ensaiem alternativas para situações de opressão e estejam mais bem preparados para lidar com a dura realidade.

Ademais, a partir das falas, percebe-se que o uso de substâncias serve como fator de escape para alívio temporário. A dramatização, portanto, não apenas externaliza conflitos internos, mas também estimula a construção coletiva de soluções. Como comprovação disso, Crossley et al. (2019)⁽²²⁾ destacam que a dramatização dos conflitos internos não apenas auxilia na compreensão emocional, mas

também fortalece a resiliência comunitária.

Em relação à Categoria 2: Impactos na saúde mental e estratégias de enfrentamento, os relatos sobre ansiedade, depressão e dependência de substâncias ilustram os impactos cumulativos das opressões vividas na saúde mental de uma pessoa. Durante os encontros teatrais, as atividades permitiram a exploração de alternativas simbólicas para mitigar ou ao menos amenizar esses desafios. Por exemplo, o uso do Arco-Íris do Desejo, como proposto por Boal, possibilitou que os participantes externalizassem conflitos internos e experimentassem soluções por meio da dramatização⁽¹¹⁾, sendo que a dramatização de episódios de violência em ambientes controlados torna possível que indivíduos vulneráveis experimentem alternativas para lidar com situações de risco, servindo como espaço de resistência e protesto⁽²⁰⁾.

Sobre a Categoria 3: Violência e exclusão social, as narrativas evidenciaram a continuidade de opressões estruturais que desumanizam a população LGBT-QIAPN+. Sob essa óptica, episódios de violência física, psicológica e simbólica foram amplificados e ressignificados durante as dinâmicas teatrais – essas cenas permitiram que os participantes treinassem respostas para situações de opressão, incentivando a criação de estratégias de enfrentamento e gerando força para lutar por seus direitos. Segundo a Transgender Europe (2023)⁽⁸⁾, o Brasil lidera o ranking mundial de homicídios contra pessoas trans, refletindo, logo, a gravidade da transfobia estrutural no país, contexto esse que reforça a necessidade de intervenções que promovam a conscientização e a resistência coletivas.

Entre 2022 e 2023, foram registrados 321 assassinatos de pessoas trans e de gênero diverso no mundo, mantendo-se em níveis alarmantemente altos, com a América Latina e o Caribe sendo a região mais afetada, com 236 casos. Das vítimas, 94% eram mulheres trans ou pessoas trans femininas e cerca de metade delas (48%) eram trabalhadoras sexuais, especialmente na Europa, onde esse percentual chega a 78%. Além disso, a violência mortal contra pessoas trans está fortemente relacionada ao racismo, com 80% das vítimas sendo trans de cor, um aumento de 15% em relação ao ano anterior. A interseção de fatores como misoginia, racismo, xenofobia e pufobobia continua a ser uma constante, com as vítimas majoritariamente sendo mulheres trans negras e de cor, muitas delas trabalhadoras sexuais⁽⁸⁾.

Esses dados evidenciam a persistência de uma violência estrutural e sistemática que atinge, de maneira desproporcional, as pessoas trans mais vulneráveis, como migrantes e trabalhadoras sexuais, reiterando a urgência de políticas inclusivas e da visibilização dessa violência em todos os níveis. Nesse sentido, destaca-se a importância da implementação de políticas públicas para garantir a melhoria na prestação de serviços públicos para a comunidade LGBTQIAPN+, já que também no âmbito político esses membros são constantemente esquecidos.

Nesse contexto, prisões e condenações nem sempre representam justiça completa, mas podem oferecer encerramento emocional para familiares e amigos das vítimas. No entanto, muitos casos de violência fatal contra pessoas transgênero permanecem sem solução ou não são processados, tendo em vista, principalmente, que o assunto é omitido, descredibilizado

e não é fiscalizado como deveria. Para solucionar esse quadro, políticas inclusivas, como melhorar a empregabilidade, capacitar profissionais da saúde e criar delegacias especializadas, são essenciais para enfrentar a violência e apoiar comunidades vulneráveis⁽³⁾.

Por fim, a Categoria 4: Busca por reconhecimento e pertencimento, destaca como a arte teatral pode proporcionar espaços de validação e inclusão. Evidenciando essa ideia, Psomadaki et al. (2022) e Huhmarniemi et al. (2023)^(24,25) argumentam que as práticas artísticas inclusivas criam espaços seguros, nos quais populações marginalizadas podem se conectar, compartilhar experiências e construir senso de pertencimento, encontrando pessoas com experiências similares. Logo, por meio de técnicas como o Teatro Imagem, os participantes foram capazes de expressar corporalmente suas lutas e aspirações, promovendo reflexões sobre as dinâmicas de poder e exclusão.

Assim, o teatro emergiu como um meio eficaz para visibilizar questões estruturais, estimular a empatia e fomentar soluções coletivas. Essas práticas não apenas contribuem para o fortalecimento das comunidades LGBTQIAPN+, mas também oferecem ferramentas para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa; por isso, urge que sejam efetivadas.

Embora o estudo tenha demonstrado o potencial do teatro como ferramenta de ressignificação e transformação social, algumas fragilidades também devem ser consideradas. A amostra utilizada, composta por participantes selecionados por conveniência, pode não ser representativa de toda a diversidade da população LGBTQIAPN+, o que limita a generalização dos

resultados e impede que eles representem a maioria dos componentes da comunidade. Além disso, a curta duração das intervenções pode ter restringido o impacto das atividades propostas, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de mudanças duradouras. Outra fragilidade foi a impossibilidade de realizar um acompanhamento posterior (follow-up), o que poderia ter permitido uma análise longitudinal para compreender os aspectos duradouros das atividades propostas, já que atividades rápidas como essas podem representar apenas fragmentos momentâneos da vida desses indivíduos.

Por outro lado, o estudo apresentou importantes potencialidades. Ao adotar abordagens teatrais, como o Teatro do Oprimido e as técnicas de Viola Spolin, foi possível criar um espaço seguro e acolhedor, promovendo a expressão de vivências de opressão e resistência. Somado a isso, as atividades permitiram aos participantes explorar estratégias criativas e coletivas para enfrentar desafios, fortalecendo vínculos comunitários e sensibilizando o corpo social para questões estruturais de violência e exclusão.

Ademais, os resultados permitiram evidenciar o impacto imediato das intervenções teatrais a partir da avaliação diária pós-sessão, na qual os participantes compartilharam percepções, reflexões e emoções, permitindo, ainda, uma comparação entre os encontros, que passaram de um foco inicial em escapismo e vulnerabilidade para temas relacionados ao fortalecimento pessoal e ao desejo de transformação. Tais resultados destacam, em suma, a relevância de ampliar e aprofundar iniciativas semelhantes à realizada, com maior tempo de aplicação e inclusão de diferentes perfis da comunidade

LGBTQIAPN+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo reafirma o papel fundamental do teatro, especialmente o Teatro do Oprimido e as técnicas de Viola Spolin, como ferramenta potente para a expressão, a reflexão e a transformação social das vivências de opressão enfrentadas pela população LGBTQIAPN+. Ao longo das cinco sessões teatrais, foi possível observar impactos imediatos no processamento emocional, na reflexão crítica e no fortalecimento pessoal dos participantes. Assim, a evolução das narrativas, marcada pela transição de temas de escapismo para resistência e autovalorização, evidencia o potencial do teatro para ressignificar experiências de vulnerabilidade e promover novas formas de enfrentamento e fortalecimento individual.

O estudo também destaca o teatro como um espaço seguro e acolhedor, capaz de fomentar o senso de pertencimento e de mobilizar os participantes na busca por transformação social, de modo que eles não se acomodem na atual conjuntura. Contudo, a ausência de um acompanhamento longitudinal (follow-up) configura uma limitação, impossibilitando a avaliação dos impactos em longo prazo das intervenções realizadas. Recomenda-se, então, que estudos futuros incorporem essa etapa para aprofundar as análises e fortalecer as evidências sobre os benefícios do teatro em populações vulneráveis.

Por fim, os resultados reforçam a importância de iniciativas culturais que promovam a visibilidade, o diálogo e a conscientização acerca da violência estrutural enfrentada pela comunidade LGBTQIAPN+. O teatro, portanto, se con-

solida não apenas como uma ferramenta artística, mas também como um meio eficaz de resistência, cura e construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

1. Mayer, J-F. Resistance to oppression in informal work: domestic workers' strategies against workplace violence in Latin America. *Comparative Sociology*. 2024;23(5):583-614. DOI:10.1163/15691330-bja10119
2. Oppression and resistance: an analysis of Muslims' experiences of structural violence. *Journal of Community Psychology*. 2021;50(5). DOI:10.1002/jcop.22588
3. HUMAN RIGHTS CAMPAIGN. Home-page [cited 2025 Mar 31]. Available from: <https://www.hrc.org/>
4. Arayasirikul, S., & Wilson, E. C. Spilling the T on Trans-Misogyny and Microaggressions: an Intersectional Oppression and Social Process Among Trans Women. *J. Homosex.* 2018;66(10):1415-38, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/00918369.2018.1542203>
5. United Nations. "Stand against hate" towards LGBTIQ+ people, say UN leaders [cited 2024 Nov 30]. 2024. Available from: <https://www.un.org/en/delegate/%E2%80%98stand-against-hate%E2%80%99-towards-lgbtiq-people-say-un-leaders>
6. Observatório de Mortes e Violências LGBT no Brasil. ONG LGBT [Internet]. Brasil: Observatório de Mortes e Violências LGBT no Brasil [data desconhecida] [citado em 2025 mar 31]. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolencias-lgbtibrasil.org/doacao/ong-lgbt/>
7. Fernandes H, Bertini PVR, Hino P, Taminato M, Silva LCP da, Adriani PA, Ran-

- zani C de M. Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. Acta Paul. Enferm. 2022;35:eAPE01486. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO014866>
8. Transgender Europe (TGEU). Trans Murder Monitoring Report. 2023. Available from: <https://tgeu.org/monitoreo-de-asasinatos-trans-2023/>
9. Bou Zeineddine F, Vollhardt JR. The psychology of resistance in violent and repressive contexts: a conclusion and a beginning. Bou Zeineddine F, Vollhardt JR. (eds.), Resistance to repression and violence: global psychological perspectives. New York: NY; 2024. DOI: <https://doi.org/10.1093/9780197687703.003.0016>
10. Romano, L. R. V. A cênica feminista: teorizações sobre a ciência e a prática da cena teatral feminista e a importância de uma pedagogia feminista no campo teatral. Rev. Bras. Estud. Presença. 2024;14(2):e132381. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-2660132381vs01>
11. Boal, A. Estética do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Garamond; 2009.
12. Debus JC dos S, Balça Â. O teatro do oprimido: mediação e construção da autonomia. Educ. Rev [Internet]. 2022;38:e82174. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.82174>
13. Spolin, V. Improvisation for the Theater: a handbook of teaching and directing techniques. Evanston: Northwestern University Press; 2013.
14. Alencastro LC da S, Silva JL da, Komatsu AV, Bernardino FBS, Mello FCM de, Silva MAI. Theater of the Oppressed and bullying: nursing performance in school adolescent health. Rev Bras Enferm [Internet]. 2020;73(1):e20170910. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0910>
15. Alencastro LC da S, Silva JL da, Ko-
- matsu AV, Bernardino FBS, Mello FCM de, Silva MAI. Theater of the Oppressed and bullying: nursing performance in school adolescent health. Rev Bras Enferm [Internet]. 2020;73(1):e20170910. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0910>
16. Gierczyk MK, Gromkowska-Melosik A, Scott S, Parker C. The snowball sampling strategy in the field of social sciences: contexts and considerations. Przegląd Badań Edukacyjnych. 2023. DOI: <https://doi.org/10.12775/PBE.2023.029>
17. Otto D. An interdisciplinary conducting curriculum: selected theater games from Viola Spolin's "Improvisation for the Theater", SAGE Open. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/2158244020954>
18. Spolin, V. Improvisation for the Theater: a handbook of teaching and directing techniques. Evanston: Northwestern University Press; 2013.
19. Yin RK. Case study research and applications: design and methods. 6th ed. Thousand Oaks: SAGE Publications; 2018.
20. Das NK, Raghavan V. Theatre as a space of resistance and protest: Queer politics and "Colour of Trans 2.0" [cited 2024 Dez 16]. 2024. Available from: <https://search.informit.org/doi/10.3316/informit.748946611694005>
21. Wells KB, Zhang L, Saks ER, Bilder RM. Impact of Opera on Resilience and Thriving in Serious Mental Illness: Pilot Evaluation of The Center Cannot Hold Part 2 and Resilience Workshop. Community Ment. Health J. 2024;60(5):964-71. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10597-024-01248-9>
22. Stein C, Jones D. Arts-based ethno-theatre for youth mental health: a pilot study in Canadian theatre for young audiences. Applied Theatre Research. 2023;8(1):45-62. DOI: https://doi.org/10.1386/atr_00074_1

23. Kattari SK, Begun S. On the margins of marginalized: transgender homelessness and survival sex. *Affilia*. 2017;32(1):92-103. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886109916651904>
24. Psomadaki O, Kalliris G. Art as a tool of tackling poverty and social inclusion of vulnerable groups. In: Mearch. Springer, Cham, 2022. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-031-04711-4_7
25. Huhmarniemi M, Hiltunen M. Art education for social inclusion and diverse communities. *Res. Arts Educ.* 2023;(3):1-6. DOI: <https://doi.org/10.54916/rae.141433yridis>, N.E. (eds.). *Poverty and Quality of Life in the Digital Era*. Springer Briefs in Well-Being and Quality of Life Res.

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho da pesquisa: SBR, AND, AMR

Obtenção de dados: SBR, AND, AMR

Análise e interpretação dos dados: SBR, AND, AMR, ASVC, FBSG, LFS

Redação do manuscrito: SBR, AND, AMR, ASVC, FBSG, LFS

Revisão crítica do manuscrito quanto ao conteúdo intelectual: SBR, AND, AMR, ASVC, FBSG, LFS

Editores responsáveis:

Patrícia Pinto Braga – Editora-chefe

Vânia Aparecida da Costa Oliveira – Editora científica

Nota:

Não houve financiamento por agência de fomento.

Recebido em: 04/02/2025

Aprovado em: 08/11/2025

Como citar este artigo:

Rodrigues SB Dias NA, Ribeiro AM, et al. Luz, câmera, (trans)formação: o teatro como espaço de reflexão sobre opressão e resistência LGBTQIAPN+. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro. 2025;15:e5721. [Access ____]; Available in: _____. DOI: <http://doi.org/10.19175/recom.v15i0.5721>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License.